

### 3. Diário e Memória - ou uma necessidade sobre os dias comuns.

A duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e incha à medida que avança.

Henri Bergson

Na verdade, para que serviria a posse dum instrumento se não me arriscasse a utilizá-lo?

José Gomes Ferreira

A nossa investigação neste capítulo pretende trazer à superfície o traço diarístico na obra de José Gomes Ferreira e a sua necessidade de manter um diálogo com os “dias comuns”<sup>1</sup>, numa comunhão persistente entre o universo diarístico e o literário. Pensaremos a possibilidade da duração do progresso da literatura de Gomes Ferreira sobre os “dias comuns”, entendendo que o diário se mantém preso ao calendário, como nos lembra Blanchot. Segundo o teórico francês, “o calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante”.<sup>2</sup> Ainda segundo Blanchot, “escrever um diário íntimo é colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita sob essa proteção, e é também proteger-se da escrita”.<sup>3</sup>

O diário apresenta diferenças com a linguagem lírica, pois, a escrita diarística parece não pretender dar conta da palavra no universo poético. Apesar de o diário não ser “essencialmente confissão”<sup>4</sup>, ele possui a força do relato como forma de rever a memória; as palavras, como nos ensina José Gomes Ferreira, como estão “dispostas de certa maneira” – aqui interpretadas pelo viés do diário –, acabam por adquirir “outro significado”, parecem exprimir “sentimentos e valores que os homens só daquela forma se atreveriam a desabafar em voz alta com o cerimonial de ritmos pautados”.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Estamos usando o termo “dias comuns” para cotidiano, assim como faz José Gomes Ferreira.

<sup>2</sup> BLANCHOT, M. *O livro do por vir*, p. 270.

<sup>3</sup> *Ibid.* p. 270.

<sup>4</sup> *Id.* *O Espaço Literário*, p. 19

<sup>5</sup> FERREIRA, J. G. *A memória das palavras*, p. 11.

O diário, assim como a fala, “parece o lugar de uma revelação imediatamente dada, parece o sinal de que a verdade é imediata, sempre a mesma e sempre disponível”.<sup>6</sup> A palavra imediata do diário tem relação com o “mundo imediato”. Essa relação acontece “com aquele que nos é imediatamente próximo e nosso vizinho”.<sup>7</sup> No entanto, o passado aparece através da memória, o eu narrador que rememora os acontecimentos prima por uma objetividade próxima da verossimilhança. Para o teórico francês, o diário é, antes de tudo, um *Memorial*, pois

De que é que o escritor deve recordar-se? De si mesmo, daquele que ele é quando não escreve, quando vive sua vida cotidiana, quando é um ser vivente e verdadeiro, não agonizante e sem verdade. Mas o meio de que se serve para recordar-se a si mesmo é, fato estranho, o próprio elemento do esquecimento: escrever.<sup>8</sup>

No caso de José Gomes Ferreira, a escrita diarística nasce da necessidade de espantar a solidão ou mesmo a imagem construída ainda em sua infância. O diário pode ser visto como a casa do escritor, onde ele se sente à vontade, é o centro de uma força de intimidade com o universo poético. Em *A memória das palavras*, Gomes Ferreira, de maneira irônica, confidencia o porquê da escolha da poesia, ou, mais precisamente, o porquê da escolha da escrita como fuga da imagem construída negativamente sobre si mesmo.

Para não escarafunchar muito no anedótico do meu passado pessoal, tão distante e desfeito, suponho suficiente evocar um episódio que ainda hoje se me afigura risível, mas que me envenenou anos e anos de mundo. Certa manhã acordei com o peso desta realidade: tinha o nariz enorme. Tremendo. Do tamanho de encher as paredes de sombra. Um nariz que crescia, implacável, de dia para dia, conforme a denúncia odienta dos espelhos de casa e das montras das lojas no caminho para o Colégio Francês da Rua Álvaro Coutinho.

Era feio – decretei sem apelo.

(...)

A isto seguiu-se, claro – estou a ouvir os senhores a concluíres, radiantes –, seguiu-se a adoção da Poesia como compensação da inferioridade do nariz comprido na infância. A querida, a infalível explicação do nariz comprido!<sup>9</sup>

<sup>6</sup> BLANCHOT. M. *O espaço literário*, p. 34.

<sup>7</sup> Ibid. p. 34.

<sup>8</sup> Ibid. p. 19.

<sup>9</sup> FERREIRA. J.G. *A memória das palavras*, p. 15.

O diário ajuda o poeta a reconhecer-se nos detalhes mais insignificantes, ali o autor escreve um tipo de literatura mais intimista, daí o método diarístico deixar-se prender ao fato cotidiano como forma de marcar uma realidade mais exigente, mais fixa. Porém, é sobre a figura social do poeta que o mundo de Gomes Ferreira haverá de ajustar-se.

O desejo de ajustar o meu perfil de carne e osso a esse paradigma de invenção ideal foi pois o segundo passo importante da minha Aventura.

Não sei que boca me segredava que o Poeta não podia limitar-se àquele punhado de cisco de palavras inserto nas cartilhas e nas selectas. Outras razões ateavam por certo a admiração e a idolatria daqueles senhores de colarinhos engomados e chapéus de coco que não vacilaram em transportar canhões a pulso até a Rotunda nos dias sagrados de Outubro de 1910.<sup>10</sup>

O olhar que lança sobre a figura social do poeta<sup>11</sup> acaba causando em si dúvidas que o levarão a questionar: “Arderia em mim o heroísmo necessário para ser Poeta? Teria alma para agüentar o fardo de toda a dor humana dos momentos decisivos?”<sup>12</sup>

Para apoiar toda essa aflição foi preciso dividir com o leitor as explicações que o levaram a escolher o mundo das palavras como o lugar predileto em que iria permanecer. Em *A memória das palavras* o poeta finaliza a questão do perfil poético da seguinte forma, “e assim – no subconsciente, torno a frisar – se resolveu o meu pequenino destino, graças à ligação destes dois elementos básicos: o gozo lúdico da *palavra* e o prestígio da *figura sonhada do Poeta*, a que se juntou um terceiro ímpeto fundamental: a audácia”.<sup>13</sup>

A audácia ou a crença em si mesmo custa uma solidão que atropela, difunde e propaga o ser em seu mais profundo *habitat*. Porém, o diário e o emaranhado de acontecimentos nele existentes ajudam-no a entender o porquê do retorno ao que nunca começa com o dia-a-dia, pois o recomeço torna-se prioridade em sua caminhada; o poeta deseja “pertencer à sombra dos acontecimentos, não à sua realidade, à imagem, não objeto,

<sup>10</sup> Ibid. p. 16.

<sup>11</sup> Cf. *A memória das palavras*. p. 16 “Bem. Parece-me muito difícil discernir a verdade nesta confusão de mil fios de bruma enrodilhados nos dias antigos. Mas presumo que não mentirei se confessar que, muito antes de conquistar a Poesia (a Poesia verdadeira com sabor a abismo que mais tarde me sia verdadeira com sabor a abismo de névoa no pescoço), me deixei atrair pela sedução da figura social do Poeta, tal como eu vislumbrava então, espanto mítico a morrer de fome, cingidos de loiros como Camões, a praguejar tempestades vazias como Junqueiro, ou arrastar os andrajos azuis dum menino nos olhos aguados de Gomes Leal, a quem meu Pai me ensinou a saudar, respeitoso, de boné na mão, sempre que lobrigávamos nos Anjos, tontinho, de chapéu à banda, flor na botoeira, gestos de bamboleio desatino... .

<sup>12</sup> FERREIRA. J.G. op. cit. p. 16-17.

<sup>13</sup> FERREIRA. J.G. *A memória das palavras*, p. 17. (grifos do autor).

ao que faz com que as suas próprias palavras possam tornar-se imagens, aparências – e não signos, valores, poder de verdade”.<sup>14</sup>

O eu diarístico busca uma reflexão intimista que pode ser identificada com o grau zero da escrita, termo usado por Roland Barthes; este ponto marca a ausência de um interlocutor ou mais precisamente o isolamento do escritor que anseia por um diálogo consigo mesmo, num profundo desejo de se autoconhecer por meio da análise de sua intimidade onde os erros e os acertos se mostram evidentes. A escrita do diário deixa à mostra a intimidade do escritor, assim, podemos constatar a sua necessidade de fixar a realidade mantendo um diário de imagens que, a princípio, não teriam importância nenhuma, mas acabam ganhando fôlego nos dias comuns com a escrita diarística.

A preservação da memória do dia-a-dia advém do desejo da manutenção de um possível entendimento sobre os dias comuns. De acordo com Blanchot: “Escrever cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado”.<sup>15</sup>

A preservação do dia-a-dia a partir da escrita no diário sugere um desejo da reconstituição de si nos momentos de silêncio, pois, a partir de momentos como estes chega-se à conclusão da vontade de produzir uma verdade; é como se o diário pudesse produzir a sua própria história de verdade através da releitura do mundo em que o escritor está inserido. A necessidade diarística esconde “algo como um segredo ou uma riqueza”<sup>16</sup> que nela pode haver. O escritor, na ânsia de alcançar a verdade do dia-a-dia, entra em contato consigo mesmo, a partir do momento em que opta pela escrita como fuga da solidão. Para usar as palavras de Foucault, o diário seria “o sonho lírico de um discurso que renasce em cada um de seus pontos, absolutamente novo e inocente, e que reaparece sem cessar, todo frescor, a partir das coisas, dos sentimentos ou dos pensamentos”.<sup>17</sup>

A escrita diarística levanta questões que muitas vezes não é possível enxergar no universo poético. Em José Gomes Ferreira todo o questionamento respondido nos diários justifica certas atitudes tomadas durante a sua investigação poética. O diário ajuda a

<sup>14</sup> BLANCHOT, M. *O espaço literário*, p. 15.

<sup>15</sup> Id. *O livro por vir*, p. 273.

<sup>16</sup> FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*, p. 22.

<sup>17</sup> Ibid., p. 23.

entender de maneira direta os labirintos do caminho trilhado pelo universo da poesia, ou seja, o diário serve de confissão teórica sobre a própria obra poética, de maneira a explicitar para nós leitores dos diários editados, a sua opção de seguir a “força do inconsciente” como forma de entendimento da poesia e da própria vida.

O bendito “complexo de inferioridade” que contribuiu em cheio para reforçar as minhas hesitações e a *tendência para não ter pressa* com que sempre me entreguei de olhos fechados às *forças inconscientes*, confiante em que só elas, em último embate, solucionariam o problema do desajuste entre mim, a Poesia e a Vida.<sup>18</sup>

As *forças do inconsciente* ajudam-no a interpretar o mundo a sua volta por um viés que é só seu. Essa força aparece com mais intensidade no diário porque está atrelada à coexistência da liberdade de pensamento (aqui vista como as *forças do inconsciente*) e da memória. O diário parece trazer à superfície o discurso crítico sobre o próprio fazer literário; a força da liberdade da narrativa e do inconsciente se unem para intensificar o pensamento do poeta como se o diário pudesse ser a condensação ideal de todo um período de reflexão.

E então deixei que os dias, as semanas, os meses, os anos se escoassem, com a certeza de que a *lucidez inconsciente* acabaria por iluminar a boca dos gritos verdadeiros enterrados na sombra de se calar em mim.<sup>19</sup>

A *lucidez inconsciente* sob a medida do cotidiano, aparece no diário de forma rígida quanto à questão da própria história pessoal, pois só quando ele se volta para si é que percebemos o tom angustiante que o silêncio impõe ao escritor quando este está escrevendo uma obra poética. A *lucidez inconsciente* traz uma certeza maior para o poeta, a certeza do cotidiano, embora feita de “gritos verdadeiros” não execra a solidão que o poeta sofre com a separação da obra.

O artista está só, abandonado ao silêncio e ao ridículo. Tem a responsabilidade de si mesmo. Começam suas coisas e as leva a termo. Segue uma voz interna que ninguém ouve. Trabalham a sós, os líricos; sempre trabalha a sós, o lírico, porque são poucos os grandes líricos a cada década (não mais que três ou quatro), espalhados por diversas nações, poetizando em idiomas vários, em geral desconhecidos uns dos outros: esses *phares*, faróis,

<sup>18</sup> FERREIRA. *A memória das palavras*, p. 30. (grifos do autor).

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 31. (grifos do autor).

como chamam os franceses, essas figuras que iluminam a planície, os campos, por muito tempo porém permanecem eles mesmos nas trevas.<sup>20</sup>

*A responsabilidade de si mesmo* jamais abandona a voz pessoal, a voz interna que ninguém ouve. Com o diário, o grito de José Gomes Ferreira pode ser ouvido sem lástima, um grito reticente de repulsa em relação à angústia, mas também explicativo sobre o preço de poder iluminar os campos literários através do próprio objeto, que faz com que ele se sinta preso: a escrita. Isolado da obra, o eu que aparece no diário cresce de forma e tamanho. A idéia de poder descansar do universo poético faz do diário a moradia mais consistente do escritor, pois é ali que recebe as implicações do eu sobre a realidade humana e a escrita poética. Para Sartre: “precisamente para a realidade humana, existir é sempre assumir seu ser, isto é, responsável por ele em vez de recebê-lo de fora como faz uma pedra”.<sup>21</sup>

A necessidade de escrever um diário se deve justamente ao sentimento de aprisionamento em que o poeta se encontra.

Todo escritor, todo artista conhece o momento em que é rejeitado e como que excluído pela obra em curso. Ela mantém-no à margem, está fechado o círculo em que ele não tem mais acesso a si mesmo, onde ele, entretanto, está encerrado, porque a obra, inacabada, não o solta.<sup>22</sup>

Ao se distanciar da poesia para assumir os rumos da própria vida por via do diário, o escritor revê os relatos que se querem sinceros e autênticos, para que estes possam ajudá-lo a sair da posição marginal que a obra parece impor, como nos ensina Blanchot. O escritor usa o espaço do diário como reflexão sobre o próprio processo de criação. A teoria respira melhor a partir da própria confissão do autor em relação à obra em questão, cuja riqueza encontra-se justamente nos relatos sensíveis que vivenciou e notificou em forma de versos durante a sua obra.

Em *A memória das palavras* ele nos dirá o porquê da riqueza de detalhes escritos nas páginas do diário como também em suas poesias.

<sup>20</sup> PIGLIA, R. *Formas breves*, p. 17-18.

<sup>21</sup> SARTRE, J.P. *Esboço para uma teoria das emoções*, p. 22.

<sup>22</sup> BLANCHOT, M. *O espaço literário*. p. 48.

– Que memória a dele! – exclamarão neste passo os leitores ofuscados com tanto luxo de particularidades biográficas miudinhas.

Mas o mistério decifra-se facilmente. Com esta palavra: Diário.

Sim. Possuía um Diário. Redigia um Diário Privado que, pouco a pouco, sem eu mesmo dar conta, por mero instinto de sobreviver de insignificâncias, em instrumento de treino e arma de luta contra o silêncio – organizando uma espécie de “resistência literária clandestina” que se alongou até 1931, quando me voltei à tarefa de escritor público. Ou com mais exactidão: quando me embrenhei em misteriosos Diários de tipo diferente, os Diários em verso, que em boa verdade formam quase toda a minha obra poética – verônica sangrenta de mim e dos tempos.<sup>23</sup>

Este é o marco zero da poética de José Gomes Ferreira: o diário. A sua escrita se faz à luz desse espaço de construção e [re]construção do dia-a-dia, não só na narrativa diarística, mas também nas imagens que sua poesia alude. O leitor é levado a sentir a mesma sensação atenta que o poeta tem diante do cotidiano. A reflexão sobre os acontecimentos do dia-a-dia objetiva a própria poética. No exemplo em que se segue o poeta encontra-se sozinho em viagem de navio para a Noruega e reflete sobre a sua poética, justamente por causa da “solidão vencida”, que teoriza no espaço do diário.

Cheguei ao porto. Mais abraços amigos. Embarquei no *Sicília* rumo a Oslo. Navio mercante. Meia dúzia de passageiros. Adeus!

(...)

E o vapor apontou para o Oceano – barquinho de papel a esgueira-se entre as ondas para tornar maiores.

Fiquei sòzinho. Na ponte. No meio de gente estranha com palavras de outra cor na boca. Sozinho.

E então – ó milagre da solidão vencida! – tu vieste em pureza e impureza completas, sentar-se a meu lado, violenta, humana, mortal... Tu, visão da minha Poesia. Não a de Teixeira de Páscoaes – voz em boca de espectros. Nem a de António Nobre – aia da Morte snobe com embalos no regaço. Mas tu. Mortal – repito – como eu. Feita de terra, sémen, silêncio de gritos, piedade, suor, ódio, amor, ira. Amassada em lama. Tu que nos segues (e nos guias) desde que o homem inventou o primeiro som absurdo com que se ligou às pedras e às árvores na grande Aventura de forrar de palavras o mundo, as montanhas, as flores, as paixões, as estrelas, o Universo, para não sentir sòzinho. Tu, o Anjo das Palavras que venceram a Solidão!... Tu. Mortal como eu José Gomes Ferreira, futura máquina de carimbar declarações de carga.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> FERREIRA, J.G. *A memória das palavras*, p. 118-119.

<sup>24</sup> FERREIRA, J.G. *A memória das palavras*. p. 146-147.

O diário serve de espaço reflexivo sobre a própria técnica da escrita. Ele ajuda a concluir que a sua poesia é “feita de sêmen, silêncio de gritos, piedade, suor, ódio, amor, ira”<sup>25</sup>; todo sentimento apreendido durante a vida a partir da fala do cotidiano torna-se relevante no processo teórico. Para Blanchot:

O diário assinala que aquele que escreve já deixou de ser capaz de pertencer ao tempo pela firmeza ordinária da ação, pela comunidade do trabalho, do ofício, pela simplicidade da fala íntima, a força da irreflexão. Já deixou de ser realmente histórico mas tampouco quer perder tempo e, como não sabe mais o que escrever, escreve pelo menos a pedido de sua história cotidiana e de acordo com a preocupação dos dias. Acontece que os escritores que mantêm um diário são os mais literários de todos os escritores mas talvez, precisamente, porque eles evitam o extremo da literatura, se esta é, de fato, o reino fascinante da ausência de tempo.<sup>26</sup>

José Gomes Ferreira principia a sua *lucidez inconsciente* a partir da preocupação dos dias comuns e se permite fugir do “extremo da literatura”<sup>27</sup> “a pedido de sua história cotidiana e de acordo com as suas preocupações”.<sup>28</sup>

É no íntimo do sujeito que pressupomos a fala e a escrita como ela deve ser; é a partir do sujeito que a sociedade moderna espera ouvir a sua tese sobre a organização do mundo. José Gomes Ferreira deve essa disposição ao diário, como irá explicitar no capítulo VII de *A memória das palavras*, devido à solidão provocada pela viagem à Noruega se encontra reflexivo.

Num momento de pânico arguto penetrava no ponto mais sensível do conflito em que ia debater-me durante esse período que, por comodidade de narração baptizei, com alguma pedanteria, de “interregno norueguês”. Contradição que venci, ou melhor disfarcei, praticando uma espécie de vida dupla, para a qual me vinha a preparar desde o *Longe*, ajudado pelo precioso instrumento do meu Diário.<sup>29</sup>

O diário acentua a vida e a obra poética. Este talvez seja o maior problema da arte de José Gomes Ferreira: entender a administração da escrita quando analisamos mais de uma obra. O estilo do poeta se apóia e se unifica no liame entre os dois eus: o do diário e o da poesia. A escrita diarística também é paradoxal, pois ao mesmo tempo em que ela traz a

<sup>25</sup> Ibid. p. 146-147.

<sup>26</sup> BLANCHOT, M. *O espaço literário*, p. 20.

<sup>27</sup> BLANCHOT, M. *O espaço literário*, p. 20.

<sup>28</sup> Ibid., p. 20.

<sup>29</sup> FERREIRA, J.G. *A memória das palavras*, p. 149.

luz aos acontecimentos esquecidos, ela também faz com que seja possível, a partir do jogo da “vida dupla”,<sup>30</sup> que o poeta esqueça tantos outros acontecimentos. O movimento que faz para esquecer alguma coisa ou alguém demanda uma reflexão ainda maior, pois quando se ausenta de sua obra é para que “temporariamente as portas e janelas da consciência”<sup>31</sup> possam esquivar-se dos barulhos externos “para que novamente haja lugar para o novo”.<sup>32</sup>

### 3.1

#### **A liberdade do pensamento: a lógica da escrita diarística.**

Ao objetivar descansar do universo poético através de um outro tipo de escrita (há que se dizer que o diário também é uma forma literária), o poeta acaba por se entregar aos seus questionamentos de escritor, que busca, no dia-a-dia, a sua conexão com o real. A voz íntima que surge nos diários preconiza a figura de “salvador da humanidade”, para assim poder extravasar os seus segredos em forma de confissão. Daí, podermos entender o posicionamento ideológico do poeta, os seus devaneios íntimos de moldar palavras em retratos divididos entre melancolia e introspecção, e a vontade de libertar a palavra do universo da obra poética. A necessidade de ir ao encontro dos pormenores transforma o tempo do diário em um eterno recomeço de coisas e situações que, a princípio, são priorizadas pelo autor como forma de demarcar o local de onde se fala. O gênero fragmentário do diário contribui para arrumação dos acontecimentos, dando uma direção à questão mnemônica. A escrita espiral que se funde com a grandeza de detalhes resolve, nos acontecimentos do dia-a-dia, a reflexão de cada acontecimento de forma confessional.

Os diários permitem-nos enxergar melhor o perfil literário do autor e sua filosofia, pois, a partir de suas confissões e opiniões passamos a entender os acontecimentos escolhidos pelo autor e a forma que ele tem de salvar o seu dia. Para Blanchot, a forma

---

<sup>30</sup> A questão da “vida dupla” aparece melhor detalhada no segundo capítulo.

<sup>31</sup> NIETZSCHE. F. *Genealogia da moral*, p. 47.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 47.

híbrida do diário que, a princípio tão simples, “tão irritante pela agradável ruminação de si mesmo”<sup>33</sup>, acaba sendo, na verdade, uma grande armadilha, pois, segundo o crítico francês, “escrevemos para salvar os dias, mas confiamos sua salvação à escrita, que altera o dia”<sup>34</sup>. Então o que resta ao autor? Assumir essa alteração a partir da possibilidade de criar, através do posicionamento das palavras, um outro dia que seja mais linear às suas retinas já tão cansadas em relação à obra poética, onde a arrumação das palavras em narrativa ganha um outro tom e sabor. Segundo Blanchot “escrevemos para nos salvar da esterilidade”<sup>35</sup> e assim, também, para poder arquivar os dias mais coloridos seguidos de reflexões, pois “o diário está ligado à estranha convicção de que podemos nos observar e que devemos nos reconhecer”<sup>36</sup>.

Os diários permitem um reconhecimento da própria escrita. José Gomes Ferreira começa a sua viagem literária a partir dos diários; o exercício da escrita de todos os dias, a partir da *lucidez inconsciente*, fez do poeta um artífice da palavra. O diário ajudou-o a melhorar a sua técnica, possibilitando, a cada instante, um mergulho maior na sua arte de simular o real.

O amplo universo apresentado pelo cotidiano faz com que José Gomes Ferreira não só fale de si, mas também proteja na memória certas reflexões feitas a partir dos acontecimentos vividos. O universo poético de José Gomes Ferreira, por exemplo, nos convida a seguir por caminhos labirínticos de natureza interior e exterior, por nuvens e guerras, cidades e jardins, onde “tudo é permitido” como nos lembra em *Cabaré* (1933). O cotidiano ou o “testemunho poético” (expressão cunhada pelo próprio poeta em prefácio ao primeiro volume de *Poeta Militante*) demonstra uma busca incessante do Eu lírico pelas palavras onde o sangue da realidade se faz presente, como escreve no poema XVII de “Sonâmbulo”: (“E agora para aqui ando a arrastar mortos / na minha ilha de solidão / enquanto busco nas palavras / o sangue da realidade / - com uns olhos tão nítidos / que até vêm / as caveiras das rosas e dos astros”)<sup>37</sup>. A viagem poética de José Gomes Ferreira pelo século XX é marcada por gritos e angústias, “a princípio involuntariamente”<sup>38</sup>, “da aventura

<sup>33</sup> BLANCHOT, M. *O livro por vir*, p. 274.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 274.

<sup>35</sup> BLANCHOT, M. *O livro por vir*, p. 275.

<sup>36</sup> *Ibid.* p. 275.

<sup>37</sup> FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* - Vol. I, p. 228.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 9

da sombra de um anti-herói que, perdido nos meandros dos caminhos exíguos do tempo, atravessou em bicos de pé os segundos, os minutos, as horas, as semanas, os anos de quase todo um século...”<sup>39</sup>.

A preservação do dia-a-dia encontra, tanto no diário quanto na poesia, o exercício constante e possível da liberdade de expressão que, muitas vezes fora castrada pelo período da ditadura em Portugal. A confissão trazida pelo poeta em sua escrita diarística fundamenta a perspectiva da relação dos acontecimentos deste período com a ideologia marcada pela própria vigência do real. Neste caso, o diário, mais que a poesia, passa a ser o lugar onde as implicações podem ser discutidas sem metáforas, pois a escrita aqui trata de comentar, ampliar (e corrigir) suas próprias memórias, pois os instantes grafados demonstram uma preocupação com o mundo dos outros.

Há em José Gomes Ferreira uma necessidade de unir, no presente, idéias que foram ficando pelo caminho, como se o desenho de si mesmo só pudesse ser estabelecido a partir da junção de todos os apontamentos deambulantes de forma a resguardar a si mesmo e a sua larga observação sobre seu universo.

Mas o verdadeiro desenvolvimento da minha personalidade persistia, como se sabe, no segredo dos papéis da gaveta: no Diário, enriquecido agora pela solidão, que me conduzia a zonas inesperadas de pesquisa e na indeterminável série de princípios de romances.<sup>40</sup>

Sobre a questão dos acontecimentos, Michel Foucault nos ensina que é preciso “considerar que existe todo um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos”.<sup>41</sup> Ou seja, é a partir da junção dos fatos, do posicionamento destes, que o diário estabelece o efeito desejado. A malha em que o cotidiano se encontra é igualmente bem trançada, a reconstituição dos fios que a produzem são formas estabelecidas pelo próprio desejo do autor de se desvencilhar dos acontecimentos, o poder da linguagem aparece como forma de demarcar o espaço onde o escritor vive e como vive.

O diário, *Imitação dos dias* ganha um sentido maior quando coisas “inverídicas” são ditas de forma diarística. Contudo, o ‘eu’ que aqui se expressa não é pura criação, pois ele

<sup>39</sup> Ibid., p. 9.

<sup>40</sup> FERREIRA, J.G. *A memória das palavras*, pp. 159-160.

<sup>41</sup> FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*, p. 5.

afugenta paradoxalmente uma necessidade de buscar uma verdade. E, mesmo que essa verdade seja uma condição humana do sujeito da necessidade do próprio eu em ação de se atirar sobre o cotidiano dos fatos, é a busca por uma definição que o faz chegar a um conceito de verdade que o deixe mais à vontade, pelo menos consigo mesmo.

*Escrevam aqui a data que quiserem.  
Por exemplo: 9 de Janeiro de  
2467... Sonho viver até lá.*

Domingo opaco. A chuva tamborila com dedos de violência branda no quadrado cinzento da janela...

E, de súbito, acode-me este desejo (que, na realidade, trazia há anos na cabeça): inventar um Diário à vista do público. Falso, mentiroso, impostor – verdadeiro, em suma.

Um livro sabiamente doseado de sombra e luz, com serpentes e andorinhas, confissões abertas (mas prudentes), escândalos (afinal comedidos), aqui o inevitável fio de fonte lírica, mais adiante duas ou três brutalidades de rasgar céus. Sem falar nas mentirolas habituais, dispostas com engenho de grosseria subtil, para que me engrandeçam perante a posteridade (que nunca me lerá).

(...)

Em resumo: a comédia necessária para fabricar este espetáculo de algumas centenas de páginas em que tenciono reunir os mil anseios desfeitos na papelada amarelecida das pastas e o rebotalho antigo das gavetas. E até muitas folhas de cadernos íntimos, convenientemente mascaradas de simulações da Verdade – que parece sempre mais verdadeira quando mentida e inverídica...

Assim será – garanto – o Diário que vou encetar agora mesmo neste domingo de chuva miudinha...

(Qual chuva miudinha!, qual domingo! É quinta-feira e cai um sol medíocre de amadurecer pêras).<sup>42</sup>

O exercício da escrita atrelada à vivência histórica torna o diário uma possibilidade de poder conferir as conseqüências da sua verdade. Ao criar um diário inventado, José Gomes Ferreira põe em questão as lembranças pessoais subtraídas à luz da existência passada de forma a aferir a esse ‘eu’ do diário um discurso lógico no qual a ficção aparece em tom realista a partir de fatos que podem ser vistos como acontecimentos ideológicos. Pois, como nos ensina Foucault, a ideologia “está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade”<sup>43</sup>.

<sup>42</sup> FERREIRA, J.G. *Imitação dos dias*, p. 9.

<sup>43</sup> FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. p. 7.

Preparai-vos também para ler o constante e feio “eu” de todos os Diários... Um “eu” que neste caso significa modéstia, pois só forçado escondo a vaidade de pensar que me enfureço, sofro e sinto por muita gente.

Mas que sei eu das fronteiras entre mim e os outros, nesta indecisão de mal definir o que se passa no meu quintal de névoa?

Aturai portanto com resignação *le moi haïssable* difundido nestas páginas... Odioso principalmente para mim que gostaria de FALAR com nitidez EM NOME DO MUNDO e não apenas em meu nome exíguo – para aqui acachapado atrás do disfarce destas pequeninas verdades de aparência privada que me gelam com a sua estreiteza de bolor pessoal e dão às palavras o mau hálito das bocas sarrentas de solidão...

Zé Gomes: para quando o orgulhoso “nós” dos dias completos? <sup>44</sup>

A narrativa do diário tenta dar conta do sujeito singular que prima por uma “realidade tecida de ficção”.<sup>45</sup> O espaço do diário permite enxergar a realidade dos fatos através de uma outra escrita. No entanto é a busca do entendimento da própria escrita diarística que interessa ao poeta, ele busca uma teoria que explique a própria literatura e o espaço adequado para apresentar tais idéias. Pois, como nos lembra Ricardo Piglia:

*la literatura es un espacio fracturado, donde circulan distintas voces, que son sociales. La literatura no está puesta en ningún lugar como una esencia, es un efecto. ¿Qué es lo que hace literario a un texto? Cuestión compleja, a la que paradójicamente el escritor es quien menos puede responder. En un sentido, un escritor escribe para saber qué es la literatura.*<sup>46</sup>

Mesmo fugindo da pressão que a obra exerce sobre o presente do escritor, o meio de que se serve para se livrar da angústia é o mesmo pelo qual cria o universo poético, ou seja, o próprio exercício da escrita. A esse paradoxo atribuímos as vozes do poeta, que enxerga o mundo a partir de seu ideal, e do homem José Gomes Ferreira que aparecem no decorrer do diário e que costumam ser de ordem psicológica e social. O poeta não escreve só para entender a si mesmo, ele escreve também para alcançar por meio da escrita uma melhor forma de organização do mundo. A função do escritor, segundo Piglia, é a de ser também um crítico. Piglia, ao falar da relação entre crítica e escritor, cita Baudelaire que, segundo ele, foi um dos primeiros a dizer que hoje está cada vez mais difícil ser artista sem ser crítico. José Gomes Ferreira usa o espaço do diário, não só para falar do cotidiano dos fatos, como também para desfilar sua crítica sobre a própria obra, uma espécie de

<sup>44</sup> FERREIRA, J.G. op. cit pp. 10-11. (grifos do autor)

<sup>45</sup> PIGLIA, R. *Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)*.

<sup>46</sup> Ibid., p. 11.

entendimento de si através do próprio fazer literário, numa comunhão profícua entre o eu do diário e o eu da poesia.

O diário não deseja ser um documento histórico, no entanto acaba sendo, pois a visão intimista que ali encontramos é, no caso de José Gomes Ferreira, a de um intelectual que prima por sua “escolha moral, teórica e política”<sup>47</sup>, pois, se pensarmos a partir de Foucault, podemos entender que o escritor não deseja mais ser um portador de idéias universais<sup>48</sup>, pois “um novo modo de “ligação entre teoria e prática” foi estabelecido”.<sup>49</sup>

Acreditamos que os diários de José Gomes Ferreira possibilitam uma nova ligação entre teoria e prática de que nos fala Foucault. Neles encontramos não só uma preocupação social do poeta com fatos isolados que ganham uma ressonância maior, como também podemos encontrar uma certa verificação teórica do poeta sobre a própria escrita. O eu diarístico, que transita tanto no diário quanto na poesia, trata de si para servir de experiência ao outro. No entanto, a ausência em relação à obra poética torna o diário um espaço propício para o exercício da teoria e da crítica. O poeta, ao ausentar-se da obra poética, busca uma maneira de recomeçar, por outro caminho, a própria salvação da solidão. Todavia, quanto mais ele se debruça nessa ausência da obra, mais ele fixa a sua solidão de escritor.

O diário esvazia a solidão. No entanto, o cotidiano e suas causas ganham uma consistência hiperbólica, assim como nas poesias. Segundo Fernando Martinho, a hipérbole, em José Gomes Ferreira “preenche uma importante função – a de lembrar ao leitor que não estará em condição de seguir “viagem” se não ligar, dialecticamente, os “acontecimentos” ao “quotidiano””.<sup>50</sup>

O universo poético ganha uma autoridade maior com relação ao seu presente e a sua escrita, pois mesmo quando está escrevendo um diário a poesia dá o tom e a melodia necessária para apreensão do cotidiano.

A obra, segundo Blanchot, é original porque é a prova da pura impotência do recomeço.<sup>51</sup> O temor da obra exige do escritor uma outra possibilidade de recomeço. Contudo, o diário passa a ser o lugar onde as palavras não se exilam, pois no momento em

<sup>47</sup> FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. p. 8.

<sup>48</sup> FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. p. 8.

<sup>49</sup> *Ibid.* p. 9.

<sup>50</sup> MARTINHO, F. B. *Viagem, história, epígrafe*. p. 6

<sup>51</sup> BLANCHOT, M. *O espaço literário*. p. 36

que são postas e como são postas, adquirem uma outra perspectiva, sempre a partir de uma origem, daí a necessidade de um tipo de escrita que dê conta da função da linguagem num outro espaço literário.

Jamais o poeta, aquele que escreve, o “criador”, poderia exprimir a obra a partir da ociosidade essencial; jamais, por si só, do que está na origem, ele pode fazer brotar a pura palavra do começo. É por isso que a obra somente a obra quando ela se converte na intimidade aberta de alguém que a escreveu e de alguém que a leu, o espaço violentamente desvendado pela contestação mútua do poder de dizer e do poder de ouvir.<sup>52</sup>

No entanto, o diário precisa dessa “ociosidade essencial”, uma vez que é através dela que o escritor consegue chegar ao seu centro, à sua verdade cotidiana. É o estado ocioso que evidencia a “intimidade aberta” do desejo de poder recomeçar sempre. Pois se todo poeta que “sonda o verso escapa ao ser” como pensa Blanchot,<sup>53</sup> há de chegar o momento então que ele deseje a volúpia do diário, pois este o ajuda a recuperar seu ser através das palavras, de maneira quase mística, pois, o diário é o seu relicário, a sua *Paidéia*.

A correlação entre diário e indivíduo revela um eu diarístico dependente dos dias comuns, ele busca em sua narrativa cotidiana revelar as entrelinhas dos versos condensados do universo poético e apontar os meios de que se serve para a criação literária. Os diários de José Gomes Ferreira ajudam-nos a fazer uma leitura de suas poesias sem com isso perder de vista o mundo subjetivo de seu universo poético, no entanto ele parece nos guiar sem impor qualquer tipo de *modus operandi* exegético sobre os seus poemas.

E passei o dia neste jogo de desencontros e contrastes entre os perfis e os rostos.  
As pessoas, afinal, que são?  
Para os outros, volumes inconscientes, perfis errados...  
Para nós mesmos, a consciência brumosa, ora de só termos mãos, ora de só termos pernas,  
ora de só termos sexo... Um pensamento o esfacelamento do sono.<sup>54</sup>

A obra de José Gomes Ferreira passa pelo sacrifício de oferecer ao outro uma possibilidade através de suas próprias mãos ou, em outras palavras, que o homem tenha condições de chegar à sua própria verdade, sacrificando aquilo que for preciso para uma

<sup>52</sup> BLANCHOT. M. *O espaço literário*. p. 29.

<sup>53</sup> *Ibid.* p. 29.

<sup>54</sup> FERREIRA. J.G. *Dias comuns – I passos efêmeros*, p. 16.

comunhão precisa entre os seres. A necessidade do poeta de escrever um diário advém da força que as palavras têm em sua ressurreição; é como se o diário fosse um depósito de imagens e palavras necessárias que nunca morrem e que são sempre reerguidas num outro patamar contextual.

Tudo isto desenrola no silêncio de mim comigo, por mais estranho que pareça aos apressados de hoje, de ontem e de sempre, incapazes de guardarem, sequer por escassos meses, meia dúzias de rimas numa pasta. Mas eu, graças sem dúvida ao longo treino dos Diários clandestinos, agora prolongado aos Diários de improvisações poéticas, adquirira a “mentalidade psicológica de gaveta” com a correspondente volúpia de viver fechado à chave no meio do emaranhado de incontáveis versões de poemas que nunca considerava concluídos.<sup>55</sup>

O diário descansa as palavras por um tempo para que estas possam depois renascer com o objetivo de anunciar o presente através da poesia. Ele guarda um passado que nunca deixa de ser útil, para depois reerguer na hora certa, pois “o presente consiste em grande parte no passado imediato”<sup>56</sup> como insiste Bérqson.

O passado de José Gomes Ferreira não se faz no turbilhão de acontecimentos esparsos em sua memória, os objetos estão grafados de maneira a conduzir o presente em sua lógica objetiva. Sobre a “memória verdadeira”, Bérqson afirma que ela coexiste à consciência e que reserva para cada fato o seu lugar, marcando-o com sua data. O poeta marca o seu passado através do diário e usa-o de maneira a reorganizar o presente em sua instância, este movimento faz parte tanto dos diários como dos poemas. José Gomes Ferreira passa pelo sacrifício de oferecer ao outro uma possibilidade através de suas próprias mãos ou, em outras palavras, que o homem tenha condições de chegar à sua própria verdade, sacrificando aquilo que for preciso para uma comunhão precisa entre os seres.

O diário, enquanto reflexo de fatos históricos, como as duas grandes guerras, a ditadura portuguesa e fatos contemporâneos como a censura salazarista, por exemplo, parece não respeitar o caráter ficcional da obra poética, ele gira em torno da luta cotidiana para manter uma razão do ser sobre as coisas. O escritor encontra-se comprometido com a

---

<sup>55</sup> FERREIRA, J.G. *A Memória das Palavras*, p. 203.

<sup>56</sup> BÉRQSON, H. *Memória e Vida*, p. 90.

sua própria razão como no século XIX, onde os diários eram usados como forma de preservar a personalidade ou mesmo como possibilidade de poder prolongar a memória.

Os diários de José Gomes Ferreira são cadernos de exercício literário. Eles buscam um mergulho possível sobre a própria escrita e apostam, antes de tudo, nas palavras, nos acontecimentos, na poesia dos dias comuns.

Sentado ao pé da lareira, arremesso, crispado um pensamento para o lume.

E então, de repente, a acha maior, com labaredas transformadas em asas azuis, ergue-se dos tijolos, voa, dá duas voltas mágicas à sala, quebra os vidros da porta e penetra na noite de lua e nevoeiro...

Vai, vai, ave de fogo! Vai e incendeia a cidade e o mundo! Vai, meu pensamento de vingança! Coroa de chamas as caveiras dos ricos!<sup>57</sup>

O *ruído da engrenagem externa* toma de assalto a escrita diáristica. Os temas abordados nos diários variam não só de acordo com o dia a dia, como também com a necessidade do autor revelar questões que para ele funcionam como estímulo da possibilidade de sempre recomeçar a cada dia, pois todo dia se mostra de maneira diferente. Segundo Blanchot, “o escritor só pode escrever o diário da obra que ele não escreve. Vemos também que esse diário só pode ser escrito tornando-se imaginário, e imergindo-se, como aquele que escreve, na irrealidade da ficção. Essa ficção não tem necessariamente, relação com a obra que se prepara”.<sup>58</sup>

O diário, mais do que um exercício literário, funda o pensamento sem enxugar as palavras, faz do cotidiano uma teia de referências que liga a fundamentação da escrita a um desejo maior de revelar situações e impaciências diante da aventura do *eu* de estimular a escrita através dos acontecimentos à luz da história. Contudo, Gomes Ferreira jamais abandona o tom poético mesmo quando este parece sufocado pelo desejo de falar do real sem as amarras das metáforas e metonímias que fundamentam a sua escrita. Tanto o diário quanto a poesia parece ter horror ao vazio. Fernando B. Martinho explica essa aversão nas poesias de José Gomes Ferreira da seguinte forma:

Uma poesia que tem horror ao vazio. Ao vazio do exercício literário desligado da experiência humana. Uma forma de *responder* à variedade de estímulos de que a circunstância se tece. Um modo de viver melhor, de estar *vivo*. E de insuflar no livro, no

<sup>57</sup> Id.. *Imitação dos dias*, pp. 20-21.

<sup>58</sup> BLANCHOT, M. *O livro por vir*, pp. 276-277.

“Poema único”, o sopro da vida, para que ele, nele, a reconheçamos e nos reconheçamos. À medida das nossas grandezas e misérias, das nossas “contradições”. Seres vivos, como “vivo” é o livro, o “POEMA ÚNICO”.<sup>59</sup>

José Gomes Ferreira aproveita o que não têm relação com a obra poética para dissertar, a partir do dia a dia, pensamentos que beneficiem a sinceridade das palavras. No entanto, a sua narrativa não tem como se desvencilhar da raiz poética, dos temas e imagens trabalhados nas poesias.

Já uma vez me acusaram em público de empregar na prosa imagens paralelas ou semelhantes às da minha Poesia.

Ora não será proveniente do que se chama Unidade de Estilo, tão celebrada noutros autores, e prova de que tudo o que é a prosa e a poesia se confundem na mesma água de me exprimir.<sup>60</sup>

O espaço do diário serve de interligação, não com a obra em si, mas também com temas que lhe afligem, numa uma espécie de reiteração daquilo que o poeta pensa em potencializar. O eu diarístico recusa qualquer limitação, pois a necessidade do exercício da escrita em liberdade encontra na escolha dos acontecimentos do dia-a-dia, a única vantagem da possibilidade de organização do mundo, senão o mundo dos outros, ao menos o seu.

A bracejar nesta balbúrdia de fitas tolas e imbecilidades para ganhar a vida, como posso encontrar as *pequeninas verdades* que sinto, quentes, em cada facto diário, nas pedras em que prego pontapés, nos olhos em que os labirintos sem segredo se desfazem em olhar-para-nós?...

Tenho de me contentar com o roçar pela suspeição da poesia e fazer dessa procura nas pedras um drama aos gritos! (A substituir a poesia verdadeira?).<sup>61</sup>

Segundo Blanchot, “a arte é um *como se*. Tudo se passa como se estivéssemos em presença da verdade, mas essa presença não chega a ser de fato e por isso não nos proíbe o avançar”.<sup>62</sup> Diante de tal definição, José Gomes Ferreira avança sobre o real *como se* tudo fosse possível, sem preconceito ou amarras da proibição de cantar o real, por via de sua própria perspectiva. O poeta se repete porque a arte permite o recomeço, ela é passível

<sup>59</sup> FERNANDO, B. M. *Viagem, história, epígrafe*. p. 8.

<sup>60</sup> FERREIRA, J.G. *Dias comuns I. Passos Efémeros*. p. 26.

<sup>61</sup> FERREIRA, J.G. *Dias comuns I. Passos Efémeros*. p. 26.

<sup>62</sup> BLANCHOT, M. *A parte do fogo*, p. 25

desse movimento sem esquecer, contudo, a necessidade das “pequeninas verdades”. O escritor que escreve diários de acordo com a sua biografia exerce uma possibilidade de verdade a qual o diário parece oferecer. A maneira singular como o poeta encara essas verdades, a sua incursão pelos temas recorrentes como: vida, morte, velhice, Deus, guerra, etc., valoriza a realidade do escritor e institui um fato que deixa de ser particular para se tornar universal, mesmo sem haver essa necessidade.

16 de Março

Arte pra mim, é este arrancar dum poço de nuvens as linhas de contorno a que chamamos realidade e constantemente se esvai, e se perde e desvanece.

Fora dessa memória (no papel, no mármore, nas paredes das cavernas...) que existe? Sim, que existe para nós agnósticos, que não acreditamos na memória das estrelas nem balanços de luz do Outono Mundo (com letra grande)?.<sup>63</sup>

18 de Março

Esta definição de Arte como *fixadora* da Realidade e a única memória viva dos homens explica medularmente a minha literatura, sempre com sabor autobiográfico.

Arte – verónica do sangue dos factos da minha experiência. Principalmente da esquecida – e, portanto, tenho de inventá-la.<sup>64</sup>

A busca pela arte “fixadora da realidade” é um desejo do poeta desde jovem quando se punha a escrever diários íntimos como forma de encontrar as suas “pequeninas verdades sangrentas”.

Desde mocinho que mantenho diários íntimos... E assisto ao repetir da eterna história... A este sentir fugir-me a sinceridade... Pois, sem pretender construir paradoxos, só consigo ser sincero, quando escrevo para o público.

Sozinho comigo, faço cerimónia com os pensamentos que, com as vénias cortesãs da Solidão, incham qualquer lugar-comum banal até à transcendência de se desligarem das minhas pequeninas verdades sangrentas...<sup>65</sup>

Estamos diante de um grande paradoxo na obra de José Gomes Ferreira. Sozinho, ele não consegue dar conta de sua sinceridade, porém, quanto mais sozinho, mais intimista

<sup>63</sup> FERREIRA, J.G. op. cit . p. 44.

<sup>64</sup> Ibid. p. 44.

<sup>65</sup> FERREIRA, J.G. *Dias comuns I. Passos Efêmeros*, pp. 47-48.

fica o texto do diário, talvez porque, como pensava Vergílio Ferreira, o escritor de diários *inventa* os dados como forma de preencher o vazio causado pelo esvaziamento da obra.

3 de Julho

Ao reler o que escrevi ontem fiquei irritado com a descoberta de que recorro muitas vezes à imaginação, não para que reparem em mim, mas – pior ainda – *para que não reparem nos outros.*<sup>66</sup>

O estranhamento diante do fato de recorrer à imaginação estaria ligado à questão de que a experiência do autor se volta para o mundo privado. No entanto, o outro não deve ter importância nessa espécie de vulnerabilidade do poeta, pois “o artista não se protege do mundo, mas da exigência que o atrai para *fora* do mundo”<sup>67</sup>. A imaginação não prioriza nem o seu universo nem o mundo dos outros, ela segue firme pela contramão do desejo de alcançar o sublime sem se prender a qualquer tipo de identificação; a investigação da própria imaginação é que dá sentido às palavras no universo diarístico, pois rever o dia é já criar um outro dia.

É diante da própria elucidação que os dias ganham fôlego; através do exercício de surpreender o instante sob a pena da liberdade diarística, o poeta segue pela escrita quase automática de maneira a resguardar, de forma solitária, o questionamento fruto da inconsciência que estabelece a verdade dos acontecimentos vividos.

Longo passeio de perto de duas horas pelas ruas nocturnas de Lisboa a meditar... A meditar não. Eu não medito propriamente. *Sofro o problema que me dói* e espero que me surjam soluções...

Hoje, o motivo do *sofrimento* era este: serei sincero ou insincero quando escrevo?... Que é a insinceridade?... É evitar dizer conscientemente o que se sente – de forma que se perceba que se sente o contrário? (Procedo assim muitas vezes.)

Aliás tanto estilhaço os pensamentos, tanto analiso e contra-analiso que acabo por me dissolver nesta irrealidade de nevoeiro em que vivo.

O realismo para mim é pois uma necessidade vital... Preciso de inventar osso, de inventar sinceridade, mesmo pouco convicta, para existir (passageiramente).<sup>68</sup>

A necessidade de escrever um diário advém do desejo de escrever ficção, pois como pensa Jacques Rancière: “O real precisa ser ficcionado para ser pensado”.<sup>69</sup> Os

<sup>66</sup> Ibid. p. 68.

<sup>67</sup> BLANCHOT, M. *O espaço literário*. p. 47.

<sup>68</sup> FERREIRA, J.G. *Dias Comuns – I Passos Efêmeros*. p. 129.

acontecimentos do dia a dia ajudam-no a responder as perguntas formuladas durante a vivência dos acontecimentos. O diário ajuda a entender o cotidiano de maneira a traduzir o que de mais importante pode haver nas coisas simples e/ou mesmo nas coisas irrelevantes, que para alguns poderiam passar despercebidas, mas que para o poeta é a salvação da compreensão do real. “E se eu agora escrevesse (mas só para mim) um diário real dos dias comuns – no seguimento fadário diarístico que me persegue desde infância? (Diários, diários, diários!...)”<sup>70</sup>

Na obra, o autor vive num tempo que é só dele. Contudo, o realismo do cotidiano estaria ligado ao “presente vivo”<sup>71</sup> para usar um termo de Deleuze, pois, segundo o filósofo, “o presente vivo é a extensão temporal que acompanha o ato, que exprime e mede a ação do agente, a paixão do paciente”.<sup>72</sup> O diário parece sempre pedir urgência; “ele acompanha o ato” durante a narrativa. O presente “vivo” é volumoso, cheio de questões e de ironias que ajudam o poeta a delimitar o seu perfil de acordo com cada acontecimento.

José Gomes Ferreira escreve diários para fundamentar o desejo eterno de escrever literatura. Escreve como necessidade de sempre poder protestar “contra tudo o que adormecesse ou desviasse” o homem do seu caminho trilhado pelos fatos do cotidiano, como acontece em 1936 ao anunciar ao homem português a luta que já se trava na guerra civil Espanhola. Numa espécie de escrita profética, anuncia o que viria ser a segunda grande guerra mundial. O poeta, antenado com o confronto no país vizinho, se deixa levar pela necessidade e põe-se a escrever uma outra obra que possa dar conta da necessidade do homem diante do cotidiano dos fatos espanhóis.

Por isso mal improvisava o essencial do projecto “A” logo saltitava, volúvel, pra o projecto “B”, como sucedeu em 1936 quando interrompi *A Morte de D. Quixote*, ébrio do sonho de outro livro que me ressudou de febre durante noites e noites a magiar um protesto místico contra tudo o que adormecesse ou desviasse os homens do choque de caveiras e da consciência da luta que se aproximava: a morfina do Sol, as mulheres das mãos ocas, as almofadas, os regaços, os violinos, as fontes, a beleza. Sim (extraordinária descoberta!), a beleza não era destino mas a ilusão dum destino. *Secai, secai, ervas dos outeiros / a iludirem de beleza / o destino do mundo [ Panfleto Contra a Paisagem – Poema III ]*. Tornava-se pois necessário despojar a Terra, pelo menos provisoriamente, de todas as Prostitutas para Esquecer (paisagens, lugares de mãos dadas, embalos, céus, flores nos cabelos de ninfa até a cintura) e obrigar os homens a verem o mundo tal como era para os

<sup>69</sup> RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*, p. 58.

<sup>70</sup> Ibid. p. 11.

<sup>71</sup> DELEUZE, G. *Lógica do sentido*, p. 5.

<sup>72</sup> Ibid., p. 5.

pobres: feio de sangue e ferrugem. Concebia, em resumo, o *Panfleto Contra a Paisagem* que correspondia a certa minha propensão medular para o puritanismo niilista de homem em greve contra a vida de gozo fácil, tendência que sempre combatera e tentara reprimir em mim, mas que nesse momento de fogueira no planeta encontrara ambiente próprio para se expandir com sinceridade coincidente. Naquele mundo, onde a política se transforma em exercício de assassinos, todos os instintos secretos da minha personalidade, mesmo os mais repressos, irrompiam em imprecações violentas (a que inutilidade de punhais mal feitos afiados na gaveta aumentava o travo poético).<sup>73</sup>

O poeta renasce de acordo com a necessidade do cotidiano, é o presente que o faz acordar e reviver. Nem sempre explicativo, mas sempre contundente em relação aos fatos do presente e do passado que lhe marcam ou que lhe marcaram a vida, o poeta busca entender o cotidiano de duas maneiras diferentes, através da poesia e do diário, ambas preocupadas com os acontecimentos dos fatos. Para Deleuze, o tempo deve ser apreendido de duas maneiras complementares e exclusivas uma da outra:

inteiro como presente vivo nos corpos que agem e padecem, mas inteiro também como instância infinitamente divisível em passado-futuro, nos efeitos incorporais que resultam dos corpos de suas ações e de suas paixões. Só o presente existe no tempo e reúne, absorve o passado e o futuro, mas só o passado e o futuro insistem no tempo e dividem ao infinito cada presente. Não três dimensões sucessivas, mas duas leituras simultâneas do tempo.<sup>74</sup>

A nossa leitura prioriza a escrita simultânea do tempo se valendo do diário e dos poemas como forma de apontar os fatos do cotidiano em dois tipos de escrita. Estamos buscando mecanismos pelos quais o poeta se põe a escrever sobre o habitual e como este influencia a escrita como um todo. Ou como nos diz o próprio José Gomes Ferreira:

Os poetas só têm uma missão – se lhes quisermos assacar qualquer missão, do que muitas vezes duvido: cantarem.

Cantarem o Presente. Amarem o Presente. Insultarem o presente. Viverem as paixões, as lutas, os amores, a porcaria, as molezas, as incoerências, o nada e o tudo do Presente.

O Presente, o Presente apenas, só o Presente!

Os raros que chegam ao Futuro são os que, mercê de um luminoso toque de gênio, conseguem esticar o Presente até lá.

(“O Futuro? Mas o Futuro que não se fixa – e nada se fixa – é sempre Passado”, murmura-me o exíguo filósofo que me acompanha sempre para me recordar os desesperos óbvios. Tão óbvios que nem reparamos neles.)<sup>75</sup>

<sup>73</sup> FERREIRA, J.G. *A memória das palavras*. pp. 202-203.

<sup>74</sup> DELEUZE, G. *A lógica do sentido*. p. 6.

<sup>75</sup> FERREIRA, J.G. *Imitação dos dias*. p. 66.